

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Tradução realizado sob a orientação científica da

Prof.^a Doutora Maria Zulmira Castanheira

TRADUÇÃO EM EQUIPA – VANTAGENS E DESVANTAGENS

JOANA AIRES DAS NEVES MANATA

PALAVRAS-CHAVE: tradução em equipa, ambiente de empresa, regime *freelance*, agentes do processo tradutório, ferramentas CAT, *internet*, redes sociais, formação, consciência de grupo profissional.

O presente relatório de estágio tem por objectivo principal abordar a temática da tradução em equipa, apontando as suas vantagens e desvantagens. Para tal, será desenvolvida uma pluralidade de aspectos considerados pertinentes para o estudo em questão, entre os quais a relevância da união e cooperação entre tradutores (quer em pequena quer em grande escala), o advento da *internet* e, mais recentemente, das redes sociais, o papel das ferramentas de apoio à tradução (CAT) e a importância de uma aposta forte na formação de tradutores, tanto a nível académico, como em ambiente empresarial. Será também apresentado um modelo tripartido de equipa em tradução, assim como um novo interveniente no processo tradutório (o participante colateral), ambos resultantes das nossas reflexões pessoais. Serão igualmente utilizados exemplos práticos, retirados do trabalho executado ao longo do estágio que decorreu na empresa de tradução KennisTranslations.

TEAM TRANSLATION – ADVANTAGES AND DISADVANTAGES

JOANA AIRES DAS NEVES MANATA

KEYWORDS: team translation, company environment, freelance regime, agents of the translation process, CAT tools, internet, social networks, training, professional group conscience.

The aim of this internship report is to tackle the issue of team translation, whilst pointing out its advantages and disadvantages. In order to achieve this goal, we will debate a variety of aspects deemed relevant for the study in question. Among these we will find the relevance of team spirit and cooperation among translators (both on a small and large scale), the advent of the internet and, more recently, of social networks, the role of computer assisted tools (CAT) and the importance of a strong investment in translator training, both at an academic level and also within the scope of a company. We will also present a three-fold model of team in translation, as well as a new agent in the translation process (the collateral participant), both being the result of our personal reflections. We will also use practical examples from our work throughout the internship in the translation company KennisTranslations.

ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Metodologia.....	2
3. Apresentação da empresa.....	4
4. Enquadramento teórico – A Abordagem Funcionalista	5
5. A importância da união	7
6. Definição de “equipa”	9
7. Modelo tripartido de equipa em tradução.....	10
8. Participantes colaterais	14
9. Ferramentas CAT e outros programas de apoio à tradução.....	16
10. <i>Internet</i> e redes sociais – uma nova realidade	19
11. Apostar na formação	22
Conclusão	26
Bibliografia	28
Anexo A: Certificado de formação	i
Anexo B: Entrevista 1 – Luísa Yokochi.....	iii
Anexo C: Entrevista 2 – Dulce Afonso	ix

LISTA DE ABREVIATURAS

CAT – Computer Assisted Translation

IATE – Inter Active Terminology for Europe

LC – Língua de Chegada

LP – Língua de Partida

TC – Texto de Chegada

TM – Memória de Tradução (do inglês *Translation Memory*)

TP – Texto de Partida

1. Introdução

If it's significant, it takes a team. [...] One is too small a number to achieve greatness.

(Maxwell 2003: 4)

Com o avançar dos séculos a tradução foi deixando de ser uma profissão com um carácter fortemente virado para o debate e para a colaboração – como sucedia nas antigas Escolas de Tradução (em Bagdade no século VIII, em Toledo no século XII, aquando da tradução da Septuaginta, etc.) – para se transformar numa profissão extremamente solitária, em que o tradutor trabalha de modo cada vez mais isolado, fechado no seu espaço e com um grau muito reduzido de interacção com o exterior. No entanto, nas últimas décadas tem-se registado uma inversão dessa tendência isolacionista, graças ao advento da globalização e ao *boom* das comunicações, sobretudo da *internet* e das redes sociais. Nos dias de hoje, apesar de poder estar fisicamente só, o tradutor pode realizar o seu trabalho estando ligado a uma rede vasta de conhecimentos e de contactos, como nunca antes na história da tradução.

Ao longo do presente relatório de estágio de Mestrado em Tradução, pretendemos definir o que entendemos por tradução em equipa, assim como abordar uma variedade de temáticas pertinentes relacionadas com a tradução em equipa na actualidade, entre as quais o papel da *internet* e das redes sociais, os benefícios das ferramentas de apoio à tradução (CAT), as vantagens a retirar da união entre os profissionais da área da tradução (a pequena e a grande escala) e a importância de uma aposta sólida na formação de tradutores, tanto a nível académico, como no âmbito empresarial. Optámos, assim, por tratar uma problemática sobre a qual existe pouquíssima bibliografia disponível, mas que se nos afigurou da maior relevância ao longo dos meses de envolvimento directo no mundo da tradução profissional.

Durante o estágio foram realizadas traduções de vários tipos de texto (documentos de *marketing*, pequenos manuais de instruções, um ensaio e até um sítio na *internet*, entre outros) e que abrangeram uma significativa multiplicidade de temas (arquitectura, amamentação, jardinagem, fotografia). Contudo, devido a cláusulas de confidencialidade a que nos vinculámos perante os nossos clientes, não poderemos debater aqui em toda a sua extensão e produtividade o trabalho realizado, como

gostaríamos — nomeadamente através da exemplificação mais abundante com excertos de textos traduzidos e da explicitação das estratégias adoptadas que decorreram de um esforço colaborativo a vários níveis —, limitando-nos, por isso, a observações gerais e exemplos curtos, de modo a respeitar os desejos dos clientes para quem trabalhamos.

Devido às restrições relativas ao número de páginas permitido para a redacção do relatório de estágio (vinte e cinco), não é possível desenvolver em profundidade cada um dos pontos que nos propomos tratar. No entanto, esperamos que o nosso trabalho constitua uma chamada de atenção, desbrave algum caminho e suscite a reflexão em torno das questões nele abordadas, inspirando a realização de trabalhos futuros sobre uma temática que se revela cada vez mais pertinente num mundo cada vez mais global.

2. Metodologia

De acordo com a nossa intenção de abordar a temática da tradução em equipa, estruturámos o presente relatório de estágio de Mestrado em Tradução de forma a tratar uma multiplicidade de tópicos que consideramos pertinentes para o estudo em vista. Pretendemos, assim, mostrar o vasto leque de novas áreas que influenciam este método de tradução e, quem sabe, abrir perspectivas para estudos futuros que, com o incentivo deste relatório, possam vir a aprofundar esta problemática.

Após uma breve introdução e apresentação da metodologia a ser seguida, assim como dos pressupostos a serem desenvolvidos (pontos 1 e 2), começaremos por fazer uma pequena apresentação da empresa onde decorreu o estágio (ponto 3). Posteriormente procederemos a uma breve descrição/caracterização da Abordagem Funcionalista (ponto 4), corrente sobre a qual nos apoiámos tanto na elaboração de todas as traduções que nos foram confiadas ao longo do estágio, como na redacção do relatório, detendo-nos, nomeadamente, na noção de *translation brief* e na proposta de diferentes agentes no processo tradutório de Christiane Nord.

No ponto 5 abordaremos a importância de uma união entre os tradutores, e, sobretudo, do desenvolvimento de uma consciência de grupo, apontando as vantagens que tal atitude poderá trazer à comunidade tradutória, quer em pequena quer em grande escala.

De seguida, no ponto 6, estabeleceremos o que entendemos por “equipa”, apresentando, para tal efeito, definições encontradas ao longo do estudo efectuado e que considerámos pertinentes, assim como a nossa própria proposta de definição.

No ponto 7 colocaremos a questão “Quando é que podemos falar de equipa em tradução?”, passando a expor a nossa proposta de um Modelo Tripartido de Equipa em Tradução, fruto das observações e reflexões ocorridas ao longo do estágio. Este modelo tem por objectivo promover a visão do trabalho de equipa em tradução em três perspectivas diferentes, consoante o foco que seja adoptado (da tradução individual, do projecto de tradução ou da noção mais convencional de tradução em equipa).

Já no ponto 8 apresentaremos um novo participante no processo tradutório: o participante colateral. Será feita uma descrição deste interveniente – identificado também a partir das nossas reflexões pessoais – e a sua divisão em duas categorias distintas, de acordo com o tipo de auxílio que presta ao tradutor.

Nos pontos seguintes falaremos do contributo das ferramentas CAT para a tradução nos dias de hoje e de como estas podem ser uma mais-valia quando se traduz em equipa (ponto 9), assim como do impacto da *internet* e das redes sociais na tradução, sobretudo numa perspectiva de grupo (ponto 10).

No ponto 11 abordaremos a relevância de uma forte aposta na formação de tradutores, não só a nível académico, mas também dentro de uma empresa. Também reflectiremos acerca da importância do contacto com colegas de profissão para a aprendizagem, estabelecimento e consolidação do nosso método de trabalho, entre outros conselhos e recomendações que poderão melhorar a *performance* dos tradutores.

Finalmente, na Conclusão, recapitularemos os aspectos principais de cada ponto, sublinhando as vantagens e desvantagens da tradução em equipa e defendendo a necessidade de mais estudos sobre o tema, e teceremos as nossas conclusões.

Em anexo colocámos uma cópia do certificado de uma formação realizada durante o estágio que decorreu no Château Riveneuve du Bosc, em Pamier, França, organizada pela própria KennisTranslations, assim como duas entrevistas, uma a uma das *star partners* da KennisTranslations, e outra a uma tradutora *freelance* não colaboradora daquela empresa. As referidas entrevistas foram concebidas para complementar, confirmar e/ou consolidar alguns dos assuntos e argumentos, mostrando

as opiniões de profissionais experientes que trabalham em meios diferentes, uma em ambiente de empresa e mais versada em trabalho em equipa, e outra em regime *freelance*.

3. Apresentação da empresa

O estágio que esteve na origem do presente relatório decorreu ao abrigo de um protocolo estabelecido entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a empresa de tradução KennisTranslations. Teve a duração de 400 horas, distribuídas entre Janeiro e Julho de 2011.

As origens da KennisTranslations remontam à conceituada empresa de tradução 100 Folhas – Produções Culturais e Consultoria, Lda, fundada no ano 2000. Em 2009 a empresa aderiu ao grupo KennisGuild, o que se traduziu no *rebranding* daquela para KennisTranslations. A empresa encontra-se presentemente numa fase de crescimento e expansão, tendo desenvolvido um modelo único de trabalho entre os seus colaboradores – muitos deles espalhados pelo globo – que aposta na colaboração entre os membros e numa relação inovadora com o cliente. Nas palavras dos responsáveis pela empresa: “Em vez de trabalhar para o cliente, o nosso objectivo é trabalhar com o cliente”. O objectivo é torná-lo um membro da equipa de tradução, o que conduzirá a um produto final de grande qualidade. A empresa adopta como valores norteadores a cooperação, a comunicação, o trabalho de equipa, a transparência, a lealdade, a excelência, a responsabilidade e o crescimento pessoal. Desta forma pretende alcançar a prosperidade, tanto a nível colectivo como individual.

A KennisTranslations presta serviços de tradução num vasto leque de pares de línguas, disponibilizando ainda outros serviços para além da tradução – edição, revisão, terminologia, interpretação, legendagem e localização. Com uma ampla carteira de clientes e sempre pronta a enfrentar novos desafios, a empresa debruça-se especialmente sobre projectos relacionados com as áreas da Arte, Medicina e Farmácia, mas não só.

Disponível no seu sítio na *internet* (<http://www.kennistranslations.com>), a visão da empresa – “Ser uma das maiores companhias de tradução a nível mundial, constituída por profissionais competentes com gosto por trabalhar em equipa e orgulho em entregar traduções com uma qualidade que supere as expectativas do cliente.” –,

bem como os valores que advoga, tornaram-na a escolha ideal para o desenvolvimento deste relatório. Num universo global extremamente veloz e competitivo, é acima de tudo a postura quase “acapitalista” desta empresa, ao afirmar que “Não se trata de uma entrega impessoal de um trabalho, como numa linha de montagem, mas de um produto feito com a dedicação e o orgulho de um **artesão**,” que ganha o nosso profundo respeito e louvor, e a singulariza e fortalece – totalmente dedicada à tradução no sentido mais abrangente, sem nunca esquecer o factor humano.

4. Enquadramento teórico – A Abordagem Funcionalista

La traslación está en función de su escopo. (Reiss e Vermeer 1996: 89)

Ao longo do estágio realizado na KennisTranslations norteámo-nos pelos princípios teóricos da Abordagem Funcionalista, tanto para a tradução dos vários projectos que nos foram entregues como para a nossa reflexão crítica em torno das questões que constituem o eixo temático do presente relatório.

Numa tentativa de se demarcar das abordagens tradutológicas fortemente presas à Linguística, a Abordagem Funcionalista, desenvolvida nos anos setenta do século XX por autores como Katharine Reiss, Hans Josef Vermeer, Christiane Nord, entre outros, foca-se na finalidade da tradução (*skopos*), afastando-se de aspectos meramente linguísticos em favor de factores extra-linguísticos (nomeadamente a situação comunicativa na qual aquela se insere e os receptores de chegada).

Os funcionalistas apoiam a sua teoria da tradução na teoria da acção; a tradução (ou antes, o agir translatório) é vista como uma actividade consciente, na qual há intencionalidade, funcionalidade e objectivo. A *Skopostheorie* baseia-se em quatro regras: a da **coerência** (uma interacção é bem sucedida quando interpretada como minimamente coerente com a sua situação), a da **fidelidade** (uma translação aspira ser um *transfer* coerente do TP), a **regra sociológica** (a finalidade da tradução é descritível enquanto variável dependente do receptor) e, finalmente, a **regra do *skopos*** (uma acção é determinada pela sua função). Quer isto dizer que diferentes funções irão levar a traduções obrigatoriamente diferentes: “[...] no existe **la** (única forma de realizar una) traducción de un texto; los textos meta varían dependiendo del escopo que se pretende alcanzar”. (Reiss e Vermeer 1996: 84)

É também importante salientar o carácter interpessoal e cultural da tradução para o funcionalismo, privilegiando sempre o contexto de chegada: “Como para os funcionalistas a tradução é vista a partir do contexto de chegada, é a sua adequação a esse mesmo contexto que importa, e a sua função nele, e não a relação com o texto de partida, inserido noutra situação cultural diferente e com uma função diferente” (Bernardo 2009: 503)

Dando uma nova importância a factores pragmáticos, culturais e situacionais, os autores defendem que o TP é uma mera oferta de informação, sendo que na maioria dos casos a função do TC não é idêntica à do TP pois o tradutor acaba por não oferecer a mesma informação aos receptores de chegada; nas palavras de Vermeer, o tradutor oferece “*otra información y de otra manera*”. (Reiss e Vermeer 1996: 110)

Estabelecidos os pressupostos da Abordagem Funcionalista, Nord dá ainda um outro contributo ao introduzir e aliar o conceito de **lealdade** ao de **função** (*Function plus Loyalty*). Aquele acrescenta aos parâmetros do funcionalismo uma relação de compromisso que o tradutor assume perante o autor do TP, o iniciador e o público de chegada:

Function refers to the factors that make a target text work in the intended way in the intended situation. Loyalty refers to the interpersonal relationship between the translator, the source-text sender, the target-text addressees and the initiator. Loyalty limits the range of justifiable target-text functions for one particular source text and raises the need for a negotiation of the translation assignment between translators and their clients. (Nord 2001: 126)

Para a construção deste relatório detivemo-nos sobretudo em dois aspectos: a proposta de diferentes agentes no processo tradutório (ou deveríamos antes dizer *translatório*) de Christiane Nord (desenvolvido no ponto 7) e o seu conceito de *translation brief*. Este abarca toda uma panóplia de informações relativas a um determinado projecto de tradução que o cliente/gestor de projecto passa ao tradutor (desde informações sobre os seus receptores, qual a função da tradução, tom, estilo, etc.): “In an ideal case, the client would give as many details as possible about the purpose, explaining the addressees, time, place, occasion and medium of the intended communication and the function the text is intended to have. This information would constitute an explicit translation brief.” (Nord 2001: 30) Mas a autora alerta: “Clients do

not normally bother to give the translator an explicit translation brief; not being experts in intercultural communication, they often do not know that a good brief spells a better translation.” (Nord 2001: 30)

Muitas vezes é o próprio tradutor – que, graças à sua experiência, já sabe aquilo de que precisa – que solicita as informações necessárias ao cliente, ou então cria o seu próprio *translation brief*. Este é especialmente importante no caso de projectos em equipa, para assegurar que os vários tradutores produzem traduções o mais semelhantes possível; sublinhe-se a necessidade de garantir que os documentos de referência e as memórias de tradução/glossários usados são os mesmos e que o tom, o registo e o estilo mantêm a mesma coerência e coesão ao longo de toda a tradução.

5. A importância da união

A união faz a força. (Provérbio popular)

Numa profissão com um carácter e predisposição solitários e da qual uma percentagem bastante elevada dos seus profissionais trabalha em regime *freelance*, o crescimento de uma consciência de grupo parece algo utópico e, à primeira vista, talvez até desnecessário. Felizmente, o grande desenvolvimento dos meios de comunicação nas últimas décadas – *internet*, telemóveis, correio electrónico, *chats*, fóruns e redes sociais em geral – veio permitir, de uma forma decisiva, uma diminuição dessa tendência isolacionista. No entanto, isto não é suficiente: é necessário que os tradutores se unam e adquiram uma consciência de grupo, não só porque “we are not isolated underpaid flunkies but professionals surrounded by other professionals who share our concerns” (Robinson 2006: 25) e, como tal, devemos ser tratados como profissionais que somos, mas também porque essa união poderá trazer inúmeras vantagens para os tradutores.

É certo que nesta profissão haverá sempre um número considerável de amadores que – independentemente da qualidade das suas traduções – encaram a tradução como uma ocupação temporária, uma fonte de rendimento extra, para além dos seus empregos, ou até um passatempo e, conseqüentemente, não só não manifestam qualquer interesse pela criação de uma consciência de grupo, como também estarão dispostos a oferecer condições – nomeadamente em termos de preço – com as quais os tradutores

profissionais não podem (ou devem) competir. É sempre possível contra-argumentar que a qualidade de uma tradução realizada por amadores não é a mesma do que quando feita por profissionais, ou que a garantia de um trabalho de qualidade é maior quando entregue a profissionais. A questão é que estes são argumentos cujo verdadeiro peso o cliente desconhece pois, como já vários autores sublinharam, o cliente não sabe verdadeiramente o que é traduzir: “Clients must be educated to understand the amount of time it takes to produce a translation. It’s not just a case of reading the source text and letting the words of the target language flow from our fingers. We may need to do additional research, pick the brains of colleagues, or even spend a significant amount of time formatting the text to suit the client’s requirements.” (Samuelsson-Brown 2004: 106) Existe um sem número de noções erradas sobre a tradução, sobre como o tradutor trabalha, e o tempo, esforço e recursos necessários para completar cada projecto da forma mais perfeita possível, e, deste modo, é necessário educar o cliente de modo a que haja uma merecida valorização do trabalho que fazemos. Tal tarefa não é realizável de um dia para o outro, ou sequer por um (ou mais) tradutor(es) isoladamente. Deve ser uma missão apostada em “ganhar terreno” gradualmente, e que será concretizável apenas se se verificar um esforço por parte dos tradutores nesse sentido, mas que, se for levada a cabo de forma diligente, dará, com certeza, os seus frutos.

Não obstante esta ambição a longo prazo, a união entre os tradutores traz também uma quantidade de vantagens de cariz mais prático e imediato. Em primeiro lugar, não podemos deixar de mencionar a importância e os benefícios de estabelecer contactos com outros tradutores no que se refere, não só, a solucionar problemas de tradução, mas também à criação de uma rede de conhecimentos que, ao longo do tempo, poderá auxiliar o tradutor em várias circunstâncias: “Translators have to be grounded in many social networks, and will almost always know someone to call or fax or email to get an answer to a difficult terminological problem – so that being grounded in the translator community gives you invaluable links to many other communities as well.” (Robinson 2006: 168)

A união de tradutores pode também permitir uma rentabilização de recursos e aumentar, significativamente, o controlo de qualidade (sobretudo no caso dos que trabalham em regime *freelance* e para quem um par extra de olhos para a revisão das suas traduções é algo sem preço). Para um tradutor *freelancer*, fazer parte de uma comunidade de tradutores é descobrir todo um novo mundo de recursos e

oportunidades. Não só estabelece uma rede de contactos que o pode auxiliar sempre que tenha uma dúvida ou problema com uma tradução, ou sempre que precise de pedir uma revisão do seu trabalho, como também essa mesma rede de contactos lhe poderá valer novos trabalhos e clientes: “Keeping in touch with other translators is a prime means of finding out about work sources and assignments. There are clearly many advantages to networking in the translation field, and the more contacts one has the better” (Sofer 2004: 145). Acresce ainda a questão da partilha de opiniões. Muitos tradutores lucram bastante quando trabalham em equipa (ou, pelo menos, com uma rede de contactos de apoio): “Many translators find it useful to share ideas, to brainstorm and negotiate different passages with the help of others.” (Gill 2009: 17) Para além disso, o tradutor pode descobrir e adquirir novas ferramentas de trabalho através das sugestões e recomendações dos seus pares, fazendo à partida um investimento seguro, e até a um preço mais económico (como é o caso de muitos tradutores que se juntam para comprar as licenças de *software* em conjunto). Por todas estas razões, consideramos a união entre tradutores muito desejável.

A uma pequena escala permite uma melhor rentabilização do seu trabalho e um maior controlo de qualidade, assim como estabelece uma rede de contactos de valor inestimável e de grande utilidade que não só prestará auxílio ao tradutor sempre que este precise, como também lhe poderá dar novas oportunidades de trabalho. A uma grande escala permitirá a criação de uma consciência de grupo que poderá contribuir para o fim de um conjunto de noções erradas sobre a tradução e o trabalho do tradutor, educando o cliente e, desta forma, estabelecendo uma relação mais saudável entre ambas as partes.

6. Definição de “equipa”

Antes de falarmos em tradução em equipa, devemos primeiro definir o que entendemos por “equipa”.

Segundo o conceituado *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, uma “equipa” consiste num “conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho”. (Houaiss 2003: 1536) Já o sítio na *internet* do *Business Dictionary* apresenta uma definição mais concreta e detalhada:

A group of people with a full set of complementary skills required to complete a task, job or project. Team members (1) operate with a high degree of interdependence, (2) share authority and responsibility for self-management (3) are accountable for the collective performance, and (4) work toward a common goal and share rewards(s). A team becomes more than just a collection of people when a strong sense of mutual commitment creates synergy, thus generating performance greater than the sum of the performance of its individual members.

Por outras palavras, podemos concluir que “equipa” é um termo com uma componente accional e interpessoal inerente, ou seja, que abarca um conjunto de pessoas predispostas a agir (e a comunicar entre si) por um objectivo comum, pessoas essas portadoras de determinadas características que as tornam aptas a desempenhar uma determinada função dentro do grupo (seja pelas suas competências e experiência profissionais, ou pelo papel que desempenham). Qualquer que seja a definição de “equipa” que procuremos, deverão estar-lhe sempre associadas as noções de cooperação, união e comunicação entre os diversos participantes. Isto porque cada indivíduo possui a capacidade de desempenhar as suas funções de modo original, fazendo com que a equipa fique a ganhar com os seus pontos fortes, e colmatando os pontos fracos dos outros membros. John C. Maxwell lembra-nos as palavras de Madre Teresa: “Mother Theresa, who worked with people her whole life, observed, “I can do what you can’t do, and you can do what I can’t do; together we can do great things.”” (Maxwell 2003: 33)

7. Modelo tripartido de equipa em tradução

Após termos estabelecido o que entendemos por “equipa,” colocamos agora a seguinte questão: quando é que podemos falar de tradução em equipa? Com o decorrer do estágio, as nossas observações e reflexões levaram-nos a concluir que podemos fazê-lo em três circunstâncias.

Numa primeira instância, acreditamos que qualquer tradução pode ser considerada uma tradução em equipa, na medida em que o tradutor se apoia e encontra ao seu dispor uma vasta rede de conhecimentos, e até serviços disponibilizados por terceiros, que o auxiliam ao longo da fase de tradução. Este tipo de contribuição inclui desde programas de tradução descarregáveis na *internet* a glossários e memórias de

tradução compilados por tradutores (ou amadores) cujo *upload* o tradutor pode fazer para o seu computador de trabalho, sítios na *internet* concebidos especialmente para tradutores, de modo a que este possa usufruir de múltiplas funcionalidades que lhe permitirão maximizar a sua produtividade, e também a ajuda de outros colegas ou de participantes colaterais (tema que desenvolveremos no ponto seguinte). Ou seja, apesar de nem sempre ser o caso, consideramos que, muitas vezes, as traduções realizadas por um tradutor singular revelam um contributo de terceiros suficientemente significativo para o desempenho do tradutor e/ou para o resultado final para que se possa falar num esforço de equipa. Esta é uma perspectiva celular, pois centra-se apenas no trabalho realizado pelo tradutor individual, sendo que a fase de tradução propriamente dita constitui somente uma parte do projecto de tradução, e não o todo.

Numa segunda circunstância, podemos também considerar que qualquer projecto de tradução, pela diversidade de intervenientes, constitui um trabalho de equipa. Esta difere da primeira na medida em que não consideramos aqui apenas a fase de tradução levada a cabo por um tradutor individual, mas sim o *projecto* de tradução na sua totalidade, desde o momento em que é encomendada até ser entregue ao cliente, ou até chegar ao utilizador final. No subcapítulo intitulado “Translating as Interpersonal Interaction”, Christiane Nord considera a existência de cinco agentes no processo de tradução: o iniciador (a pessoa, grupo ou instituição que necessita do TC e, portanto, tem; a iniciativa de pedir a tradução), o comitente (quem encomenda o trabalho de tradução, ou seja, o cliente), o produtor (o autor da obra na LP), o tradutor e os receptores, que se dividem em leitor visado (o público-alvo) e utilizador final (quem realmente utiliza a tradução) (Nord 2001: 19). Cada um destes agentes desempenha um determinado papel e exerce mais ou menos influência no resultado final; sem o produtor não existiria matéria-prima para traduzir, assim como sem o contributo do iniciador e do comitente aquela não seria traduzida. É o tradutor quem realiza a tradução, mas sem a existência de um leitor visado o seu *skopos* dificilmente poderia ser definido. Todos estes intervenientes são passíveis (e, quiçá, merecedores) de uma análise mais profunda enquanto membros de uma equipa (que, aliás, na nossa óptica, terá ainda mais membros, como o revisor e os participantes colaterais). Contudo, devido ao número limite de páginas do relatório, escolhemos apenas sublinhar a importância do cliente enquanto participante activo na tradução e do estabelecimento de linhas de diálogo entre este e o tradutor, com vista a obter um produto final da mais alta qualidade.

Muitos clientes acreditam que o tradutor, para executar o seu trabalho com qualidade, não necessita de orientação da sua parte. Da mesma forma, muitos tradutores consideram quase tabu consultar o cliente (como se tal fosse denunciar ignorância ou falta de profissionalismo). No entanto, tais noções estão profundamente erradas. O estabelecimento de linhas de comunicação claras e saudáveis entre ambas as partes é decisivo para a produção de um trabalho final de qualidade e contribui para, logo de início, delinear o *translation brief*: “Dialogue between translator and client is essential since, even though the translator should have experience in the client’s subject area, there will be times when clarification on poorly-written or ambiguous text will be necessary or advice on terminology will be sought.” (Sammuelsson-Brown 2004: 35) É, pois, importante que não ignoremos o papel do cliente enquanto participante activo, não só pela sua influência na construção do *translation brief* e disponibilização de glossários, memórias de tradução e outros documentos de apoio, como também porque a comunicação estabelecida com o tradutor (frequentemente através de *query templates*) pode ajudar a solucionar quaisquer problemas que eventualmente surjam no decorrer da tradução.

Finalmente, temos a noção mais convencional de tradução em equipa, que, a somar aos intervenientes abordados na segunda circunstância, abrange também uma pluralidade de tradutores e um gestor de projecto. Este tipo de tradução em equipa justifica-se, segundo Luísa Yokochi,¹ em casos de projectos grandes, com prazos muito curtos ou que envolvam a tradução para várias línguas. A escolha dos vários membros da equipa, nomeadamente dos tradutores, é feita com base num conjunto de aspectos que pode incluir desde os pares de línguas das quais e para as quais traduzem, o domínio do assunto e a sua disponibilidade, às ferramentas que utilizam (sobretudo a nível de *software*), se são profissionais que se adaptam bem ao trabalho em equipa, etc. Após “recrutar” os vários membros da equipa (tradutores, revisor(es) e gestor de projecto), são estipuladas todas as condições necessárias (prazos de entrega para os tradutores e para os revisores, contactos, outras formalidades que possam surgir, etc.) a que a equipa funcione como uma máquina bem oleada. Ao longo de todo o processo, desde que a tradução é encomendada até ser entregue, o gestor de projecto deve assumir a responsabilidade de acompanhar a evolução da tradução de forma a prestar auxílio a

¹ Ver anexo B.

quem necessite, a impedir que surjam problemas e a resolvê-los logo de início, assim como a otimizar a comunicação entre tradutores, revisores e cliente:

O gestor de projectos coordena o fluxo de informação, assegurando que todos os elementos da equipa têm acesso às mesmas informações, e concentra a comunicação com o cliente de modo a evitar a cacofonia (concentra as perguntas/dúvidas dos tradutores para as transmitir ao cliente e distribui as respostas assegurando que todos os tradutores recebem as respostas às perguntas do grupo), gere a partilha das memórias de tradução, assegura que os tradutores recebem feedback do(s) revisor(es) e controla/afasta os tradutores que não respeitem as normas estabelecidas (pelo guia de estilo, glossário e feedback do revisor.)²

Não nos devemos esquecer de que, de uma forma geral, uma equipa em tradução possui também as características de uma equipa em qualquer outra área; consiste num grupo de pessoas empenhadas num objectivo comum, cada uma desempenhando um papel específico e tendo a seu cargo uma série de responsabilidades para que esse mesmo objectivo seja atingido. A formação de uma equipa, independentemente da área profissional, trará sempre um conjunto de vantagens e desvantagens-padrão. A possibilidade de *brainstorming*, de partilhar ideias e soluções, de fazer *networking*, de estabelecer novos contactos e de os membros que a compõem se motivarem mutuamente são algumas das vantagens mais comuns. No entanto, a equipa também pode sofrer com o baixo nível de empenho que alguns membros possam apresentar, ou até algum desrespeito perante os parâmetros estabelecidos, fraca comunicação entre si, incompatibilidades que dificultem a realização do trabalho, etc.

Uma das maiores desvantagens da tradução em equipa referida por vários autores é a questão do idiolecto e de como este distingue as partes entregues por diferentes tradutores: “[...] a translation should ideally be done by one person. This avoids conflicts over style, choice of terminology, formatting and other considerations.” (Samuelsson-Brown 2004: 112) No entanto, consideramos que este é um argumento irrefutável apenas no campo da tradução literária; para todos os outros ramos da tradução, acreditamos existir uma vasta gama de opções que ajudarão a contornar o potencial problema do idiolecto. A definição clara do *translation brief* (desde a função da tradução, qual o tom a ser mantido, quem são os utilizadores finais, etc.), a partilha de glossários, memórias de tradução e material de referência, o desenvolvimento de um

² Ver anexo B.

glossário de termos ao longo do projecto e o diálogo e estabelecimento de linhas de comunicação nítidas e fáceis entre os membros da equipa são medidas a serem contempladas. Para além destas, deverá haver um responsável pela harmonização das diferentes partes (papel que normalmente cabe aos revisores), de modo a assegurar a consistência terminológica e a eliminar quaisquer traços que denunciem, de forma flagrante, um trabalho realizado a várias mãos, como uma manta de retalhos. Aliás, alguns autores consideram, inclusive, que o nosso idiolecto nos limita e que, portanto, a tradução irá ganhar qualidade quando feita por mais de um tradutor: “We all have our blind-spots; everyone is constrained by their personal idiolect, by the limits of their vocabulary, by their habits, taste or prejudice – by their experience *tout court*. This is not necessarily challenged much in the course of a translation when you work alone.” (Gill 2009: 16)

8. Participantes colaterais

Num projecto de tradução, para além dos intervenientes já mencionados podemos também encontrar um outro grupo, marginal, de indivíduos, aqui denominados participantes colaterais. Estes nada têm a ver com o mundo da tradução, ou sequer com um determinado projecto de tradução (como é o caso do cliente), mas são envolvidos nele pelo tradutor, para uma intervenção limitada. Ou seja, são pessoas que, caso o tradutor não pedisse a sua colaboração e os trouxesse directamente – e por um período consideravelmente curto de tempo – para a tradução, nunca fariam parte do processo tradutório. No desenvolvimento do nosso estudo encontrámos dois tipos de participantes colaterais: participantes colaterais de especialidade e falantes nativos.

Os participantes colaterais de especialidade são peritos de uma determinada área do saber a quem o tradutor recorre para esclarecer dúvidas e resolver problemas relativos à terminologia específica de determinada tradução. É o que acontece, por exemplo, quando um tradutor se desloca a uma oficina para tirar dúvidas relacionadas com questões mecânicas, ou quando consulta um médico ou farmacêutico sobre uma tradução ligada aos domínios da Medicina ou da Farmácia. Foi o que nos sucedeu com a expressão “high or bubble palate” encontrada numa das traduções que ficou sob a nossa responsabilidade, e para a qual mesmo após uma investigação considerável continuávamos sem um equivalente satisfatório. Tivemos então a oportunidade de entrar

em contacto com um médico de Medicina Interna que, apesar de não ser da área de especialidade em questão, conseguiu direccionar-nos de forma que, mediante uma segunda pesquisa, encontrássemos finalmente o que considerámos ser o equivalente mais adequado: “palato em ogiva ou balonizado”.

Os falantes nativos (tanto da LP como da LC) são indivíduos que o tradutor contacta para esclarecer questões linguísticas e/ou estilísticas. São muitas vezes familiares, amigos ou cônjuges a quem o tradutor coloca perguntas relacionadas com a escolha de palavras, a fluência do texto e a sua compreensão. Poucos serão os tradutores que, em conversa com pessoas do seu círculo familiar e de amizades, nunca lhes puseram questões como “Esta frase soa-te bem?”, “Achas que X (LP) fica bem como X (LC)?”, “O que é que tu achas que quero dizer com esta frase/expressão/palavra?”, “Dá-me um sinónimo para X” ou também (e sobretudo no caso de se tratarem de falantes nativos da LP) “Usa a palavra X noutra frase”, etc. Numa das traduções realizadas, sobre jardinagem, deparámos com a expressão idiomática “rule of thumb” que, à data, nos era desconhecida. Foi o contributo de um contacto do nosso universo pessoal, residente em Inglaterra desde 2003, que nos familiarizou com a expressão e nos levou a considerar “princípio básico” como o equivalente mais adequado para a tradução em questão. Robert Chandler, tradutor de *The Railway* de Hamid Ismailov, afirma o seguinte sobre o contributo da sua mulher para a sua tradução:

I twice read the entire translation out loud to my wife, and there are many sentences we must have discussed twenty or more times. She drew my attention to passages that were unclear, and helped me formulate questions to put to Hamid; she also contributed many phrases and some elegant puns herself, as well as making a crucial suggestion about the order of the chapters. (Gill 2009: 17)

Pela brevidade do seu papel na totalidade do projecto de tradução, a importância dos participantes colaterais pode muitas vezes passar despercebida, mas o valor da sua contribuição para o trabalho do tradutor é inestimável. É graças à sua ajuda que, frequentemente, aquele supera bloqueios ou encontra a palavra que está “mesmo debaixo da língua.” Por vezes nem é necessária uma resposta completa, pois o tradutor necessita apenas de uma nova pista, de algo que o ajude a (re)direccionar a sua pesquisa até encontrar o termo certo e a conseguir identificá-lo como o vocábulo mais correcto de entre as várias opções que se lhe colocam (como sucedeu com a expressão “high or

bubble palate,” em que apesar de o participante colateral de especialidade não nos ter fornecido a resposta final, o seu auxílio foi decisivo para a sua descoberta). São também eles que identificam algumas falhas que os olhos do tradutor, pela sua proximidade com o trabalho, não conseguem encontrar. Mais do que tudo, os participantes colaterais ajudam o tradutor consciente, responsável e com brio a entregar o que consideram ser a melhor tradução possível.

9. Ferramentas CAT e outros programas de apoio à tradução

Translation has become completely dependent on electronic tools. Gone are the days of handwriting, the typewriter, and all other “prehistoric” means of communication.

(Sofer 2004: 36)

Longe estão os dias em que traduzir significava ficarmos irremediavelmente ancorados a dicionários de papel, fazermos as nossas pesquisas em bibliotecas, livro a livro, e andarmos “à caça” de especialistas, consultados presencialmente ou por telefone. Embora todas estas acções ainda sejam praticadas pela maioria dos tradutores, há algum tempo que deixaram de ser a norma. Quando falamos em traduzir, o primeiro pensamento também já não é o de um tradutor a redigir o texto de chegada num documento em Word criado a partir de um texto de partida em papel. Quando aceitamos uma nova tradução, já não esperamos dias para que o texto original nos seja entregue por correio, mas sim minutos para que o documento - que pode, agora, ser traduzido numa variedade de formatos digitais - chegue à caixa de correio electrónico. Nas últimas décadas, a era digital e o advento de uma série de ferramentas de apoio à tradução vieram revolucionar a forma como traduzimos e a quantidade de novos formatos possíveis.

Segundo Giuseppe Palumbo, “Computer-assisted translation. Also called ‘computer-aided translation’, computer-assisted translation, or CAT, is translation carried out, generally at a professional level, with the help of specific computer tools aimed at improving the efficiency of the translation process.” (Palumbo 2009: 23) Este tipo de ferramenta permite que os segmentos traduzidos sejam armazenados na TM (*Translation Memory*), alertando o tradutor sempre que estes se repitam, quer a cem por cento (*100% match*), ou parcialmente (*fuzzy match*). É também possível fazer o

carregamento de glossários que facilitarão o acesso à terminologia adequada, assim como realizar buscas dentro dos glossários e das TMs. Existem inúmeros programas disponíveis à escolha do tradutor (Wordfast, Trados, MemoQ, Déjà vu, etc.). Para as traduções realizadas durante o estágio utilizámos o Trados Studio 2009 (leccionado durante a componente lectiva do Mestrado em Tradução) e o Tstream.

A utilização de ferramentas CAT tem várias vantagens para o tradutor: asseguram uma maior consistência nos termos utilizados (traduzidos sempre da mesma forma), segmentos iguais são traduzidos apenas uma vez, o que, consequentemente, significa uma maior rapidez de tradução e um melhor controlo de qualidade (traduções mais fiáveis e de maior rigor) e permitem, também, uma redução dos custos de localização e de produção. No entanto, estas ferramentas têm um custo elevado e são investimentos que se justificam, maioritariamente, em casos de traduções com uma alta percentagem de repetições, ou quando o tradutor recebe várias traduções da mesma área ou do mesmo cliente (de modo a que as TMs e os glossários possam ser reutilizados). Também não constituem uma solução milagrosa, qual Santo Graal, para realizar traduções de grande qualidade:

[...] the use of electronic technologies is not a universal panacea for all the problems in translation. Despite their efficiency and outlooks, the translation software and electronic means cannot replace the human translator and guarantee high-quality translations. Their aim is to accelerate and facilitate the translation process, to help solve many problems appearing in the course of the process, and to minimize the time needed for translation.³

Devemos ainda mencionar outro tipo de ferramentas que auxiliam bastante o trabalho do tradutor: enciclopédias e dicionários electrónicos e programas de edição de *software* (nomeadamente *spellcheckers*). As enciclopédias e dicionários primam pela sua rapidez de consulta, maior comodidade e por serem de fácil transporte (o que permite ao tradutor continuar a trabalhar mesmo quando esteja longe do seu local de trabalho habitual, sem ter de levar consigo grandes volumes). Muitos deles disponibilizam até uma pluralidade de línguas dentro do mesmo programa, fornecendo, inclusive, informação relativa à pronúncia. Outra das vantagens, segundo Ilya Ulitkin, é o facto de os dicionários electrónicos serem constantemente actualizados: “This is especially important when we deal with promising and rapidly developing sciences such

³ <http://translationjournal.net/journal//55computers.htm>

as telecommunication systems, nanotechnology, computers, etc. Printed dictionaries become outdated very soon, and the only way to keep up to date with scientific and technological progress is to use electronic dictionaries.”⁴ Outra ferramenta que se tornou indispensável para os tradutores em todo o mundo são os programas de *spellcheck*. Sem eles o controlo de qualidade não está completo; isto é principalmente verdade no caso dos tradutores *freelancers*, cujos olhos muitas vezes deixam passar muitas falhas e gralhas (na maioria das vezes devido aos prazos curtos de entrega, que impossibilitam o tradutor de se distanciar do seu trabalho). No caso português estes ganham um valor acrescentado em virtude do novo Acordo Ortográfico, ao qual tantos tradutores ainda se estão a adaptar.

Quando se fala em tradução em equipa, o recurso a este género de ferramentas tem vindo a tornar-se incontornável. Para além das suas vantagens relativamente à produção individual em geral, no que diz respeito à tradução em equipa este tipo de instrumentos permite uma maior homogeneidade a nível terminológico - através da partilha de glossários e memórias de tradução usadas em projectos anteriores, o que facilitará o trabalho do revisor responsável por criar uma harmonia entre as partes traduzidas por diferentes tradutores, e, por sua vez, permitirá não só que este faça o seu trabalho com maior rapidez e segurança, como também dilatará um pouco o prazo de entrega da tradução para revisão. Quando se trata de um cliente antigo, na maioria das vezes já existe material que pode ser reutilizado (memórias de tradução e glossários preexistentes) e apenas é preciso fazer com que toda essa informação chegue aos diferentes tradutores. No caso de um cliente novo - e quer este ofereça material de referência ou não -, é comum uma equipa criar um glossário de termos que, à medida que a tradução avança, vai sendo actualizado. Quando tal sucede, é essencial que haja um responsável pela actualização desse material e sua divulgação junto dos restantes membros da equipa (papel que, por norma, cabe ao gestor de projecto): “Since there is always disparity in style and choice of terminology, it is advisable in members of the group work to produce a glossary as the project progresses. Again, one person should accept responsibility for keeping this updated. The use of computer-aided translation and terminology management software can facilitate this.” (Samuelsson-Brown 2004: 113)

⁴ <http://translationjournal.net/journal//55computers.htm>

Durante o estágio na KennisTranslations encontramos uma grande variedade de “modalidades”. No primeiro projecto em que participámos (uma tradução sobre arquitectura) não nos foi entregue qualquer tipo de material, mas, sendo um projecto grande que envolveu vários tradutores, foi sendo compilado um glossário de termos, o qual era actualizado pelo gestor de projecto e depois reenviado aos tradutores. No caso de traduções de folhetos informativos e manuais de instruções, o cliente entregou-nos não só a memória de tradução a ser utilizada, como material de referência adicional (nomeadamente o TP no formato original, o que constituía uma grande ajuda no caso de a tradução envolver alusão a imagens e legendas das mesmas). Também tivemos traduções em que o cliente solicitava a utilização de um determinado programa de tradução (sendo este, por vezes, desenvolvido pelo próprio cliente) e em que a memória de tradução se encontrava numa plataforma privada *online*.

Apesar das suas vantagens, as máquinas nunca substituirão a participação humana na tradução. No entanto, como afirma Timothy R. Hunt: “Computers will never replace translators, but translators who use computers will replace translators who don’t.” (Sofer 2004: 93) A era das ferramentas electrónicas parece ter vindo para ficar e quanto mais bem preparados e apetrechados estivermos, maior será o nosso valor num mercado veloz e extremamente competitivo e melhor poderemos maximizar a nossa produtividade.

10. Internet e redes sociais – uma nova realidade

As nossas ferramentas sociais estão a melhorar de forma acentuada a nossa capacidade de partilhar, de cooperar e de agir em conjunto. (Shirky 2010: 279)

Nas últimas décadas, o *boom* da *internet* e, mais recentemente, das redes sociais veio revolucionar a forma como interagimos e como trabalhamos. Esta afirmação é especialmente verdade no caso da tradução, em que toda a identidade da profissão parece ter sido redefinida perante esta nova realidade. Ao potenciar ainda mais a globalização, verificou-se, automaticamente, um grande aumento da procura de traduções para alimentar a “aldeia global”. E não só se registou um crescimento do volume de traduções, como também uma maior urgência e consequente diminuição dos prazos.

A *internet* trouxe várias vantagens para a comunidade tradutória. Em primeiro lugar, tornou as comunicações mais velozes; não só é mais fácil e rápido entrar em contacto com colegas e clientes, como também a quantidade e variedade de formatos passíveis de serem utilizados, partilhados e traduzidos aumentou. O seu alcance global é igualmente uma grande mais-valia: com o advento da *internet* é possível entrar em contacto (e, por conseguinte, fazer negócio) com indivíduos em qualquer parte do globo, o que significa também mais oportunidades de trabalho, pois o tradutor não necessita de ficar limitado ao mercado regional ou nacional. De seguida, consideramos a facilidade de acesso a informação específica como uma das maiores vantagens para o tradutor; ao invés de realizar as suas pesquisas manualmente, livro a livro, é possível encontrar a informação que procura de forma muito mais ágil e rápida, e sem abandonar o seu local de trabalho. A quantidade de informação disponível é outra enorme vantagem, assim como a sua maior facilidade de actualização (ao contrário dos suportes em papel, que têm de passar por uma série de fases até serem publicados).

Espalhados pela *internet*, encontramos, inclusive, uma série de espaços concebidos especialmente para tradutores. Um dos mais utilizados é o sítio do Proz,⁵ onde, entre outras funcionalidades, é possível ao tradutor comunicar com os seus pares, encontrar trabalho e novos clientes e fazer pesquisas terminológicas. Outros exemplos incluem o sítio do IATE⁶ – conhecido não só pelos vários pares de línguas que disponibiliza, como também pelas múltiplas áreas do saber disponíveis para pesquisa –, sítios de domínio público onde é possível fazer o *upload* de glossários ou adquirir *software* de auxílio à tradução (nomeadamente ferramentas CAT), e (apesar de não serem exclusivamente para tradutores) sítios de dicionários e enciclopédias *online* (como é o caso da Infopédia⁷ e da Longman⁸). Segundo Sofer: “The translation field has become increasingly “wired”, witnessing a proliferation of sites relating to professional activities, job-hunting, commercial products, and online reference materials for translators.” (Sofer 2004: 94)

⁵ <http://www.proz.com/>

⁶ <http://iate.europa.eu/iatediff/SearchByQueryLoad.do?method=load>

⁷ <http://www.infopedia.pt/>

⁸ <http://www.ldoceonline.com/>

Contudo, não obstante os muitos benefícios da *internet* para a profissão, o tradutor deve ter em consideração que, sendo um espaço público com uma grande facilidade de publicação e sem qualquer tipo de controlo de qualidade da mesma, existe um grande volume de informação incorrecta ou de fiabilidade questionável, o que requer da parte do tradutor uma maior atenção e cuidado sempre que realizar uma pesquisa, sendo que deve sempre verificar se as suas escolhas são, de facto, as mais correctas e adequadas.

Para a tradução em equipa, a *internet* não só facilita o contacto entre os vários membros, como também torna mais fácil a partilha de informação e de material. Todas estas condições fomentam o diálogo e a cooperação entre os membros da equipa, o que ajudará a superar dúvidas e problemas que possam surgir ao longo da tradução, assim como também ajudará a harmonizar as partes feitas por diferentes tradutores, de modo a auxiliar o trabalho do revisor. Para além disso, o responsável pela escolha dos tradutores e revisores (normalmente o gestor de projecto) pode ter à sua disposição uma lista de contactos muito mais extensa, na medida em que não existem barreiras geográficas que impeçam a participação de tradutores/revisores que, por diversos motivos, não estejam presencialmente disponíveis.

Um dos mais recentes fenómenos da era digital são as redes sociais e também no âmbito da tradução estas poderão ser úteis e influenciar o modo como realizamos o nosso trabalho. Existem inúmeras plataformas à escolha – Twitter, Facebook, Myspace, etc. Ao longo da sua vida, o tradutor, como qualquer outra pessoa, entra em contacto com indivíduos das mais diversas áreas e com interesses muito variados. Se considerarmos a nossa sociedade como uma vasta teia de contactos, de tal forma que cada um de nós pode estar ligado – de modo mais ou menos afastado – a qualquer outra pessoa no universo, as possibilidades tornam-se infinitas. Se um tradutor colocar uma dúvida relativa a qualquer área do saber numa destas plataformas, existe uma boa probabilidade de que pelo menos um dos seus contactos/leitores saiba a resposta, ou conheça alguém que nos possa dar a informação que procuramos. Aquando da realização de uma das traduções feitas durante o estágio, relacionada com fotografia, enalhámos num termo cujo equivalente, mesmo após uma longa pesquisa, não conseguíamos encontrar. Nas nossas contas pessoais do Facebook e do Twitter lançámos então um apelo: “Estou a fazer uma tradução sobre fotografia e não consigo encontrar um termo específico. Alguém pode ajudar-me?”. Ao longo da hora seguinte

recebemos inúmeras respostas ao nosso pedido de ajuda, muitas delas incluindo várias ligações para sítios na *internet* com informação útil. Este tipo participação colateral é bastante valioso para o tradutor, sobretudo em casos de prazos muito apertados, que deixam pouco tempo para a pesquisa de terminologia. É claro que o tradutor deve ter a preocupação de manter um cuidado redobrado devido à duvidosa fiabilidade de algumas fontes; apesar de contribuírem para o trabalho do tradutor, aquelas podem, efectivamente, apresentar soluções que não são o equivalente mais adequado para o que se busca.

Ao longo das últimas décadas a *internet* tem vindo a tornar-se uma ferramenta indispensável para tradutores em toda a parte, quer para a fase de tradução propriamente dita, quer para o aspecto mais social e comercial da profissão; nas palavras de Sofer, “The Internet has become a routine tool for translators – from work search to word search.” (Sofer 2004: 81).

11. Apostar na formação

Translation is intelligent activity requiring constant growth, learning and self-expansion. (Robinson 2006: 221)

Todos sabemos que, independentemente da área à qual nos dedicamos profissionalmente, uma formação sólida é essencial. Sobretudo quando falamos de trabalho em equipa, é fundamental que haja um conjunto de conhecimentos e competências comuns entre os vários membros.

Em primeiro lugar, tal deverá verificar-se a nível da comunicação; todos os membros da equipa devem ter, pelo menos, uma forma de comunicação comum (correio electrónico, conta no *Skype* ou no *Msn*, número de telemóvel, etc.), de modo a que cada membro esteja sempre contactável pelos restantes. Por vezes isto requer a utilização (e consequente aprendizagem) de novas plataformas de comunicação. De seguida, é essencial que todos os membros da equipa de tradução e revisão saibam trabalhar com as mesmas ferramentas e programas de tradução. Com alguns desses programas é possível, por um custo razoável, frequentar pequenos cursos de formação (em regime

presencial ou *online*) para aprender a trabalhar com o *software* (é o caso do Trados).⁹ Após iniciarmos o estágio foi-nos proposto um *webinar* de formação em Tstream, um dos programas utilizados pela empresa. Ao longo do processo de aprendizagem de um programa que nos era desconhecido, contámos sempre com o apoio da nossa *trainer* na empresa. A maioria das formações ensina as diversas operações que um programa pode executar, e quais as suas vantagens para o trabalho do tradutor. No entanto, as opiniões e conselhos de um verdadeiro utilizador (permitindo-nos observar, na prática, como o programa funciona e ter uma noção concreta de como este nos pode ser útil em casos reais) podem revelar-se determinantes na nossa interação com o programa. Em terceiro lugar, é importante que os vários membros da equipa possuam o mesmo material de referência e, sempre que possível, consultem as mesmas fontes. Isso ajudará a garantir uma coerência na utilização de terminologia.

Idealmente, todos os membros da equipa deveriam ter formação académica para melhor desempenhar as suas funções, seja através de uma licenciatura, mestrado ou até doutoramento em tradução, ou através de formações mais específicas (por exemplo, cursos direccionados especialmente para uma área particular da tradução entre dois pares de línguas específicos). No entanto, esse nem sempre é o caso e o mercado encontra-se repleto de tradutores profissionais que iniciaram a sua carreira sem qualquer base académica na área da tradução. Não obstante, consideramos que tais lacunas podem muitas vezes ser superadas através da construção de um *translation brief* completo e bem elaborado, e do estabelecimento de boas linhas de comunicação com os outros membros da equipa e com o cliente.

Para além disso – e embora saibamos que tal provavelmente nem sempre seja posto em prática na maioria das empresas, agências e equipas de tradução –, a visão, política e protocolo da empresa deverão ser do conhecimento de todos os que dela fazem parte. Referimo-nos a questões como quais são os seus valores, o que é que é esperado dos seus tradutores, quais as medidas a tomar quando ocorre um problema, e por que ordem. Isto irá fortalecer a empresa/equipa e dará um certo *sense of purpose* a cada um dos seus membros. Não nos esqueçamos de que “a team that embraces a vision

⁹ Ver:

http://www.lojahcr.com/epages/176770.sf/pt_PT/?ObjectPath=/Shops/176770/Categories/Forma%C3%A7%C3%A3o

becomes focused, energised and confident. It knows where it's headed and why it's going there. [...] If you don't know the team's vision, you can't perform with confidence.” (Maxwell 2003: 81-83).

Finalmente, é também importante que ao tradutor (sobretudo quando em princípio de carreira) seja dada a oportunidade de voltar a ver o seu trabalho após este ter sido revisto e até, idealmente, de poder discutir esse mesmo trabalho/desempenho com o revisor ou com o seu orientador/formador (no caso de tradutores jovens que se encontrem sob a orientação de tradutores mais experientes). Tal medida, fácil de executar, permitirá ao tradutor aperceber-se de falhas que a sua tradução possa ter, de modo a que, ao ganhar consciência delas, não as repita e possa evoluir profissionalmente: “[...] taking the time to give the translator feedback, giving him/her the chance to revise their work if it is unsatisfactory, is to invest in a long-term relationship. How else are translators to improve, working in isolation as they do? Investing a little time can reap long-term rewards in building trust and a solid working relationship.” (Gill 2009: 39)

Ao entrarmos na empresa onde decorreu o estágio, foi-nos atribuído o estatuto de *trainee*, ficando sob a responsabilidade de um *trainer*, ou seja, alguém que nos orientou durante o que considerou ser um período adequado de tempo, revendo o nosso trabalho, oferecendo opiniões e sugestões e estando sempre disponível para esclarecer quaisquer dúvidas que pudéssemos ter. Os *trainers* da KennisTranslations são o que Samuelsson-Brown denomina de *guardian angels*: “A guardian angel cannot employ you or find you work directly, but he should be able to help to acquire a more realistic idea of what the work entails. He can also be supportive and positive in appraising your good and not-quite-so-good points and suggesting ways of overcoming your initial difficulties”. (Samuelsson-Brown 2004: 4) Consideramos este tipo de acção extremamente importante, pois moldar o *trainee* segundo os valores e modos de funcionamento da empresa, assim como instruí-lo quanto aos programas e plataformas a serem utilizados, permitirá uma homogeneização das traduções segundo os requisitos e padrões de qualidade da empresa (através de uma utilização consistente, por parte dos vários tradutores, do mesmo material de referência, dos mesmos sítios na *internet*, do acesso às mesmas memórias de tradução e glossários, etc.) e facilitará, mais tarde, a integração do *trainee* numa equipa.

Durante o nosso estágio na KennisTranslations tivemos a oportunidade de participar numa formação que decorreu no Château de Riveneuve du Bosc, nos arredores de Pamiers, em França (ver Anexo A). Durante uma semana os tradutores da empresa usufruíram da possibilidade de participar em *workshops* que abordavam uma multiplicidade de assuntos de natureza maioritariamente prática e amplamente relevantes para o tradutor contemporâneo. Também foi essencial a interacção informal entre os vários tradutores, sobretudo quando consideramos o elevado grau de isolacionismo que a profissão pode ter. Questões aparentemente de somenos importância, como as diferentes actividades/*hobbies* a que vários tradutores se dedicam após o trabalho, ou que tipo de ferramentas possuem e recomendam, como dizer não a um cliente, etc. são cruciais para o melhoramento da sua *performance* geral. Um dos problemas com que muitos tradutores se debatem é o do descanso e tempo livre pois, sobretudo para aqueles que trabalham a partir do conforto da sua casa, é fácil sentirem-se culpados pelos momentos de lazer. Importa, então, lembrarmo-nos uns aos outros de que, muitas vezes, é a falta de descanso que nos leva a cometer falhas que facilmente poderiam ter sido evitadas, e que é fundamental aprendermos a aceitar que o descanso de hoje é um investimento no trabalho de amanhã. Tudo isto são conhecimentos e lições que aprendemos no diálogo com colegas da mesma profissão e que não se prendem, necessariamente, com tradução e como traduzir melhor; não obstante, ajudam-nos a desempenhar melhor o nosso trabalho e permitem também que nos sintamos parte de um grupo de profissionais que deve ser encarado como tal (a consciência de grupo que abordada no ponto 5). Sobretudo para quem começa agora a dar os primeiros passos no mundo profissional da tradução, todos estes conselhos e informações revelaram-se profundamente úteis.

Conclusão

The professional translator should be like a neuron, with dendrites reaching out to vast communicative networks, and always able to shunt information or requests [...] to this or that network at will. (Robinson 2006: 169)

Ao longo do relatório de estágio debatemos a temática da tradução em equipa, abordando uma pluralidade de aspectos que consideramos relevantes para a sua análise e apontando as vantagens e desvantagens inerentes a cada um. Definimos o nosso objecto de estudo, apresentando um modelo tripartido inovador (que convida o leitor a perceber a tradução em equipa em três níveis diferentes) e introduzimos uma nova categoria de intervenientes no processo tradutório – os participantes colaterais, cuja contribuição é por vezes decisiva para o trabalho do tradutor.

Consideramos essencial que a tendência isolacionista e, quiçá, individualista que caracteriza a profissão seja combatida, tanto a pequena como a grande escala. Acreditamos que uma postura geral de colaboração e de união beneficiará a comunidade tradutória, na medida em que fomentará o desenvolvimento de uma consciência de grupo que contribuirá para minimizar o impacto do elevado número de amadores que se “dedicam” à tradução. Para a tradução em equipa, a capacidade de reunião em torno de um projecto comum permite aos tradutores aceitar traduções maiores e com prazos mais reduzidos, às quais não conseguiriam dar resposta isoladamente. Da mesma forma, o contacto com os seus pares trará ao tradutor um vasto número de benefícios, entre os quais *networking* e *brainstorming*. No entanto, não nos podemos esquecer de que uma equipa em tradução padecerá, igualmente, dos mesmos problemas que assolam equipas em qualquer área profissional.

Relativamente às ferramentas de apoio à tradução (CAT), estas representam uma grande mais-valia para a tradução em equipa, pois asseguram uma maior consistência terminológica, uma maior rapidez de tradução e um maior controlo de qualidade, reduzindo a disparidade de idiolectos e facilitando o trabalho do revisor. Também as enciclopédias e dicionários electrónicos (e *online*) e programas de *spellcheck* se tornaram essenciais, permitindo consultas mais velozes, maior portabilidade e contribuindo igualmente para o controlo de qualidade. Contudo, o seu custo é elevado e, apesar da preciosa ajuda que prestam aos tradutores, estas ferramentas, por si só, não

asseguram traduções perfeitas, simplesmente contribuem para otimizar o desempenho dos tradutores.

A *internet* e, mais recentemente, as redes sociais vieram revolucionar algumas características da profissão, trazendo consigo um vasto leque de vantagens: maior rapidez de pesquisa, informação mais actualizada, possibilidade de fazer negócio e de recrutar profissionais que estejam geograficamente afastados e maior facilidade de partilha de informação, promovendo igualmente o diálogo entre os diversos membros da equipa. As redes sociais fornecem novas plataformas de pesquisa, fomentando o recurso a participantes colaterais. No entanto, esta nova realidade tem como principal desvantagem a necessidade de verificação da fiabilidade da informação com um cuidado redobrado.

Abordámos também a importância de uma aposta forte na formação de tradutores, não só a nível académico, mas também no âmbito de uma empresa. Para a criação de uma equipa de sucesso é indispensável que os seus membros possuam um conjunto de conhecimentos comuns, não só relativamente ao *software* e outros recursos utilizados pela equipa, como também a nível da ideologia. Para a evolução do tradutor é importante o diálogo com o revisor/orientador, assim como o contacto com os seus pares para partilha de experiências e informações que lhe permitam otimizar a sua *performance* geral.

Ao longo do estágio e da redacção do presente relatório de Mestrado apercebemo-nos da importância do trabalho em equipa na área da tradução e das múltiplas vantagens que poderão beneficiar o tradutor individual, a empresa e a comunidade tradutória. Tomámos também consciência das soluções para minimizar muitos dos problemas e desvantagens inerentes ao trabalho em equipa neste domínio profissional. Ainda que dentro dos limites restritos de um relatório de estágio, esperamos que o nosso trabalho e reflexões dêem provas da fertilidade da temática apresentada e revele a importância e a necessidade de estudos mais aprofundados sobre as matérias nele discutidas.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Vera. “Da Teoria à Prática: O Tradutor Inserido no Mercado de Trabalho.” Relatório de estágio de Mestrado em Tradução, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2008.

BERNARDO, Ana Maria Garcia. *A Tradutologia Contemporânea: Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2009.

BYRNE, Jody. *Technical Translation. Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dordrecht: Springer, 2006.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Tomo III. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

MAXWELL, John C. *The 17 Indisputable Laws of Teamwork – Workbook. Embrace Them and Empower Your Team*. Nashville: Thomas Nelson, Inc., 2003.

NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

PALUMBO, Giuseppe. *Key Terms in Translation Studies*. London and New York: Continuum, 2009.

PAUL, Gill, ed. *Translation in Practice*. Champaign and London: Dalkey Archive Press, 2009.

REISS, Katharina e Hans J. Vermeer. *Fundamentos Para Una Teoría Funcional de la Traducción*. Tradução de Sandra Garcia Reina e Celia Martin de Leon. Madrid: Ediciones Akal, 1996.

RIBEIRO, Carina. “O Texto Técnico na sua Diversidade em Ambiente de Empresa.” Relatório de estágio de Mestrado em Tradução, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010.

ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator, Introduction to the Theory and Practice of Translation*. London and New York: Routledge, 2006.

SAMUELSSON-BROWN, Geoffrey. *A Practical Guide for Translators*. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2004.

SHIRKY, Clay. *Eles vêm aí. O Poder de Organizar sem Organizações*. Lisboa: Actual Editora, 2010.

SILVA, Rúben. “Os Primeiros Passos de um Tradutor no Mercado de Trabalho.” Relatório de estágio de Mestrado em Tradução, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009.

SOFER, Morry. *The Translator's Handbook*. Rockville: Schreiber Publishing, 2004.

Sites consultados

www.businessdictionary.com/definition/team.html [acedido em 22 de Junho de 2011]

<http://translationjournal.net/journal//55computers.htm> [acedido em 28 de Julho de 2011]

<http://iate.europa.eu/iatediff/SearchByQueryLoad.do;jsessionid=9ea7991c30d8e6cd3715d15340ccbdadd142dc06fb0a.e3iLbNeKc3mSe3aNbxuQa3mRb40?method=load>
[acedido em 26 de Julho de 2011]

<http://www.infopedia.pt/> [acedido em 26 de Julho de 2011]

<http://www.kennistranslations.com/> [acedido em 10 de Julho de 2011]

<http://www.ldoceonline.com/> [acedido em 26 de Julho de 2011]

http://www.lojahcr.com/epages/176770.sf/pt_PT/?ObjectPath=/Shops/176770/Categorias/Forma%C3%A7%C3%A3o [acedido em 28 de Julho de 2011]

<http://www.proz.com/> [acedido em 26 de Julho de 2011]

ANEXO A

Certificado de formação



The Complete KennisTranslator Programme

Certificate nr.36

This is to certify that

Ms Joana Manata

Has attended the workshop

More Than Words, Cultures

22.5 hours

At Château de Riveneuve, Pamiers, France From 11 April 2011 to 15 April 2011

Topics covered in the workshop:

Translation business: overview, strategy and approach	x
Life alignment: is translation a goal that is right for you?	x
Profiles and business plan: defining the present situation and determining the future	x
KennisTranslations tools: call centre, intranet, control sheets and KSMS	x
Interpreting basics	x
Commercial work basics: practice and the gym	x
Project management basics: leveraging on CAT tools	x
Quality: EN 15038, internal processes, revision and feedback	x
Customer relationship practice	x
KennisTranslations strategy and partnering	x

The trainers:

Lein de Zoeten

Ana Yokochi

Workshop co-financed by:



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



NALENTEJO
2007.2013

ANEXO B

Entrevista 1 – Luísa Yokochi

1. Há quantos anos se dedica à tradução?

R: Há cerca de 20.

2. Sempre trabalhou em equipa? Quais as vantagens?

R: Quase sempre. Tem a vantagem de se poder discutir soluções para problemas de tradução, partilha de terminologia, (re)organizar trabalhos para poder cumprir prazos mais apertados de que o cliente necessite.

3. E as desvantagens?

R: As normais associadas a trabalhar com outras pessoas (questões de confiança, incompatibilidades, elementos da equipa que não respeitam normas estabelecidas...).

4. Quando é que se justifica esta modalidade de trabalho?

R: Em trabalhos grandes com prazos curtos, trabalhos traduzidos de um para diversos idiomas...

5. Como se processa a criação de uma equipa?

R: É analisado o projecto (assunto, volume, prazo, línguas de partida e de chegada), avalia-se o número de pessoas necessárias/ideal para o projecto, contacta-se os tradutores e revisores considerados adequados e selecciona-se com base nas disponibilidades.

6. Como é feita a selecção dos diferentes membros da equipa?

R: Há vários factores: língua, domínio do assunto/experiência de trabalho para o cliente específico, é dada preferência a recursos que já tenham trabalhado juntos com sucesso/que trabalhem juntos com frequência, conhecimento das ferramentas usadas, capacidade de comunicação...

7. E a questão da formação? Acredita que é importante que os diferentes membros da equipa possuam um conjunto de conhecimentos comum a todos? Que tipo de conhecimentos?

R: É vantajoso ter directrizes comuns a todos, para uniformizar o máximo possível a tradução antes da revisão – para isso contribuem guias de estilo, glossários etc.

8. Que ferramentas podem auxiliar o trabalho da equipa?

R: Guia de estilo, glossário, ferramentas de tradução assistida por computador (CAT), sistema de comunicação rápida online (tipo skype).

9. Qual o papel do gestor de projectos?

R: O gestor de projectos coordena o fluxo de informação, assegurando que todos os elementos da equipa têm acesso às mesmas informações, e concentra a comunicação com o cliente de modo a evitar a cacofonia (concentra as perguntas/dúvidas dos tradutores para as transmitir ao cliente e distribui as respostas assegurando que todos os tradutores recebem as respostas às perguntas do grupo), gere a partilha das memórias de tradução, assegura que os tradutores recebem feedback do(s) revisor(es) e controla/afasta os tradutores que não respeitem as normas estabelecidas (pelo guia de estilo, glossário e feedback do revisor).

10. Como é feito o “corte e costura” das partes traduzidas por tradutores diferentes? Como resolvem questões como diferenças a nível terminológico, estilístico e mesmo do próprio idiolecto?

R: Terminologia – glossário (preexistente e/ou compilado durante o projecto) e ferramentas CAT; Estilo – guia de estilo; Idiolecto – é uma questão secundária na maioria dos projectos que se enquadram numa lógica de trabalho de equipa e são em grande medida resolvidos pelo guia de estilo. A uniformização final geralmente passa pelo revisor.

11. A quem recorre para resolver dificuldades relativas a terminologia e a aspectos técnicos da tradução?

R: Para além dos dicionários e glossários técnicos (online e em papel) e do próprio cliente, recorro ao conhecimento de técnicos que trabalham na área específica a ser traduzida (conhecimentos pessoais, associações, ordens, instituições, lojas da especialidade...)

12. E questões linguísticas e estilísticas do TP? E do TC?

R: Gramáticas, prontuários, sites e fóruns da internet (por ex. ciberdúvidas, fóruns de tradutores e de linguistas), guias de estilo (por ex. do Público).

13. No seu trabalho recorre muito ao apoio das redes sociais?

R: Pessoalmente, não uso muito as redes sociais, mas conheço muitos que recorrem. Eu prefiro a minha rede de contactos pessoal e algumas redes profissionais.

14. Quais são as vantagens que estas podem trazer para a profissão?

R: Acesso mais fácil e imediato a pessoas com conhecimento em áreas diversas – mas é preciso muito cuidado e atenção na questão da fiabilidade das informações.

15. A nível de *software* que ferramentas utiliza no seu trabalho?

R: Diversas, por ex., OCR, conversão de formatos, edição de texto, CAT (genéricos e proprietários dos clientes), DTP, correio electrónico, folhas de cálculo, em projectos grandes e prolongados no tempo pode ser útil uma ferramenta de gestão de projectos (ainda que não essencial).

16. Que impacto é que estas têm no seu trabalho? Vantagens e desvantagens.

R: São ferramentas que ajudam a organizar e agilizar o trabalho, e a melhorar o rendimento. Dada a proliferação da oferta, por vezes é necessário aprender rapidamente a mexer num programa novo preferido por determinado cliente ou desenvolvido pelo próprio cliente, mas à parte dos preços de alguns programas, não vejo grandes desvantagens.

17. Como é a sua relação com o cliente? Ele dá-lhe espaço para que o contacte caso surja alguma dúvida? Envia-lhe algum tipo de material de referência? Dá-lhe algumas indicações relativas ao objectivo/função da tradução, a quem se destina, formato que esta deverá apresentar, estilo que deve adoptar, etc.?

R: Os clientes diferem muito entre si. O cliente ideal (geralmente tem experiência e valoriza as traduções) dá bastantes informações à partida, está disponível para o contacto e resolução de dúvidas e outros problemas que possam surgir durante a tradução e envia material de referência (incl. glossário, quando existe). Os outros clientes (possivelmente ainda a maioria) têm de ser “educados” – deve-se pedir as informações necessárias, perguntar se existe material de referência, explicar a necessidade e vantagens de manter a comunicação durante o projecto, explicar os processos e questões relacionadas (e como afectam a qualidade, prazos etc.)

18. Acredita ser importante a criação de uma consciência de grupo entre tradutores? Acha que essa consciência poderia modificar, de alguma forma, a profissão? De que modo?

R: Acho que já existe alguma consciência de grupo dentro da área (especialmente entre os verdadeiros profissionais, cuja principal actividade é a tradução e com alguns anos de experiência – e com maior actividade socioprofissional, por exemplo em fóruns de internet dedicados à tradução), apesar de minada pelo facto de a barreira de entrada nesta área profissional ser relativamente baixa, o que permite a entrada e permanência de muitos indivíduos com fraca capacidade que criam distorções na actividade e no mercado.

19. Acha que essa consciência de grupo poderia ajudar a eliminar algumas das ideias erradas que existem relativamente à profissão?

R: Sim, tanto dentro da própria comunidade de tradutores como junto dos clientes e dos consumidores finais.

20. Quando não está a traduzir contacta com outros tradutores? Acha que essa interacção é importante?

R: Sim. É importante, como em qualquer outra área profissional. Por um lado, é um importante factor de evolução, permitindo discutir questões teóricas e práticas relacionadas com a profissão, o mercado, políticas envolventes. Por outro, é um acto social importante, pois permite conhecer os nossos pares e desenvolver o *networking*, o que contribui para a tal consciência de grupo.

ANEXO C

Entrevista 2 – Dulce Afonso

1. Há quantos anos se dedica à tradução?

R: Como profissão e a tempo inteiro, há 4 anos.

2. Costuma trabalhar muito em equipa?

R: Muito raramente.

3. O que faz quando surge uma dificuldade terminológica que não consegue resolver sozinha?

R: Recorro aos dicionários *online* e em papel, depois a pesquisas na *internet* e fóruns de tradutores e, em último caso, a algum tradutor amigo.

4. E dificuldades que possam aparecer relativas à compreensão do TP? Como resolve?

R: Da mesma forma.

5. E questões relacionadas com a construção do TC? Consulta alguém? Que tipo de pessoa(s)? Profissional(ais) na área da tradução, ou não?

R: Raramente encontro esse tipo de dificuldade nos textos que traduzo, mas se surgir consulto um amigo que não é da área da tradução mas que é investigador universitário com um domínio excepcional da língua portuguesa.

6. Se funciona “em rede” com outros tradutores, podia explicar como se processa tal interacção? Resolvem dificuldades que possam ter? Que tipo de dificuldades? Revêem o trabalho uns dos outros?

R: Como disse, só raramente trabalho em parceria e raramente recorro ao apoio de outros tradutores.

7. Como se estabeleceu essa “rede”?

-

8. No seu trabalho, recorre muito ao apoio das redes sociais?

R: Não, nunca.

9. Quais são as vantagens que estas podem trazer para a profissão?

R: Vantagens directas não vejo nenhuma, indirectas talvez possa referir o conhecimento de outros tradutores, ou a actualização de informação na área da tradução.

10. Acede a fóruns de tradutores para resolver dificuldades que possa ter?

R: Por vezes, sim. São bons pontos de esclarecimento de dúvidas.

11. A nível de *software*, que ferramentas utiliza no seu trabalho?

R: Para traduções mais técnicas, com vocabulário específico, utilizo o Wordfast. Em traduções de carácter mais literário, nenhum *software* de tradução específico.

12. Que impacto é que estas têm no seu trabalho? Vantagens e desvantagens.

R: Nos temas técnicos com vocabulários próprios, é muito útil ter TMs e Glossários. Reduzem substancialmente o tempo que se demora a fazer a tradução. Em temas mais genéricos, não vejo vantagens e por isso não os utilizo.

13. Como é a sua relação com o cliente? Ele dá-lhe espaço para que o contacte caso surja alguma dúvida? Envia-lhe algum tipo de material de referência? Dá-lhe

algumas indicações relativas ao objectivo/função da tradução, a quem se destina, formato que esta deverá apresentar, estilo que deve adoptar, etc.?

R: Normalmente, os meus clientes são editoras. Quando entregam uma tradução é habitual fazerem um enquadramento da obra, da sua origem e público a que se destina. As características de formatação do texto traduzido a entregar também são definidas pela editora.

14. Acredita ser importante a criação de uma consciência de grupo entre tradutores? Acha que essa consciência poderia modificar, de alguma forma, a profissão? De que modo?

R: Acho que seria importante haver uma maior formalização da profissão e um esforço organizado de sensibilização das editoras e empresas para a importância da correcta qualificação dos tradutores que contratam.

15. Pensa que essa consciência de grupo poderia ajudar a eliminar algumas das ideias erradas que existem relativamente à profissão?

R: Não lhe chamaria consciência de grupo, mas talvez uma organização profissional mais estruturada. As ideias erradas vêm exactamente de qualquer pessoa menos qualificada poder declarar-se tradutora e realizar trabalhos de qualidade duvidosa.

16. Quando não está a traduzir contacta com outros tradutores? Acha que essa interacção é importante?

R: Normalmente não, e não me parece que seja relevante.

17. Considera relevante a partilha de experiências de como o tradutor opera dentro e fora da sua profissão? (Por exemplo, o que faz quando um cliente não paga? Que clientes evitar? Que ferramentas tem/sugere? *Hobbies* que diferentes tradutores possam ter para “desligar” do trabalho e aliviar os níveis de *stress*?)

R: Questões relacionadas com o desenvolvimento da profissão acho que são sempre de partilhar, nomeadamente relativas a clientes cumpridores ou incumpridores - questão que também deriva muito de não haver uma prática generalizada de, por exemplo, fazer contratos de obra com os tradutores, o que tornaria mais fácil para estes reclamar em situações de não pagamento. Quanto aos *hobbies*, acho que já é uma área pessoal, que deve ficar ao critério de cada um.

18. Quais as vantagens de trabalhar em equipa?

19. E as desvantagens?

R: Não tenho essa experiência.